Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

As heterotopias midiáticas de gênero: as mulheres nas cenas de uso e comercialização de crack[1]

Gender media heterotopias: women in the scenes of crack use and marketing

Lucia Lamounier Sena

Palavras-chave: Crack; Heterotopias Midiáticas; Mulheres.

A partir de meados da década de 1990, o debate sobre gênero e criminalidade na Europa e EUA tem como uma das suas teses centrais a suposta "estrutura de oportunidades ilegais" aberta para as mulheres pelo tráfico de drogas. Nos estudos norte-americanos, a "oportunidade" está relacionada à expansão do mercado do crack nos anos 1980. Algumas das principais vertentes de estudo desse fenômeno apontaram a ampliação dos espaços de atuação feminina como decorrentes da fragilização do domínio masculino nos mercados das drogas, a ampliação do desemprego, do encarceramento e das mortes violentas dos jovens de sexo masculino de grupos social, espacial e racial/etnicamente segregados (CUNHA, 2002; AGAR, 2003; FAGAN, 1994; JACOBS, 1990; MAHER, 1996).

No Brasil, a grande difusão de informações em mídia nacional sobre uso e comercialização das drogas ilícitas, até os meados da década de 1990, resumia-se de forma predominante à maconha e à cocaína e uma vinculação discursiva aos espaços das

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

periferias e favelas e a figura de um traficante ou grupos de tráfico. O crack começou a ganhar destaque, sobretudo em São Paulo, por volta de 1995, quando a produção e comercialização são ampliadas com a instalação de laboratórios clandestinos e uma crescente demonização dessa droga a partir da visibilidade midiática sobre os espaços de uso que ficaram conhecidos nacionalmente como a cracolândias (UCHOA, 1995; RUI, 2014; FRUGOLI, 2014).

As abordagens específicas sobre as mulheres, ainda que escassas, ganham corpo a partir dos anos 2000 na discussão sobre as linhas tênues entre as hegemonias morais e institucionais e as ilegalidades apontadas com a ampliação do encarceramento feminino no período. Segundo dados do InfoPen de 2016, do total de presos no Brasil, 85,39% cumpriam pena de condenação, sendo 28,5% por tráfico de drogas. No caso das mulheres, o percentual era de 62%. Do montante de mulheres encarceradas em 2016 (42.355), 50% tinha entre 18 e 29 anos (53,9% no caso dos homens), 62% eram negras (64% homens), 45% tinham o ensino fundamental incompleto (51% homens), 62% eram solteiras e 74% tinham filhos (53% no caso dos homens).

No estudo anterior (SENA et al., 2018) em que foi analisado o tratamento jornalístico dado às mulheres e sua atuação nas atividades do tráfico de drogas em geral, notou-se que os discursos são construídos no reforço das essencialidades relativas à maternidade, à forte relação das mulheres com o espaço doméstico, à paixão, à cumplicidade feminina ou à sua vitimização. O operador midiático ao longo da década analisada (2006/2016) mostrou-se como uma eficiente tecnologia política de reafirmação das supostas essencialidades femininas, utilizadas em uma narrativa moralmente reprobatória das mulheres quando envolvidas com o tráfico de drogas.

Dando continuidade ao estudo anterior, a pesquisa completa e base para este artigo (SENA et al., 2018a; 2020b), indagou-se sobre uma possível relação entre os

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

conteúdos e representações da abjeção e malignidade atribuídos aos agentes envolvidos com o crack quando do seu encontro com o gênero.

O corpus de pesquisa foi composto por uma amostra de 342 notícias, aleatoriamente selecionadas pelos buscadores ano, mulher e crack, publicadas em edições *online* dos principais jornais da região sudeste sendo estes: **O Tempo/ Super Notícias** – da Sempre Editora (58% das matérias), **Folha de S. Paulo** – do Grupo Folha (18,4% das matérias) e **O Globo/G1** – do Infoglobo (23% das matérias). O critério de escolha dos jornais baseou-se na sua importância em termos de circulação de acordo com dados do IVC (Instituto Verificador de Comunicação) de março de 2018 e 2019.

O estudo indicou que os conteúdos das matérias ao longo de uma década atuaram na construção de significações incorporadas pelas dicotomias bem e mal/bondade e maldade, através de uma narrativa articuladora de dimensões autonomizadas de agentes específicos (mulher) e droga (crack). Neste artigo, abordamos o sistema mídia, de forma específica o jornalismo em duas perspectivas: i:como uma das tecnologias sociais de gênero que opera por meio da instauração política de um gênero, destacando ações e argumentos como lhes sendo, naturalmente, correspondentes, tais como a maternidade, o seu agente relacional, um homem e os espaços domésticos. normas de gênero como constituidores de uma simbologia feminina do mal. ii: o jornalismo e a constituição das simbologias do mal (SILVERSTONE, 2010) e das heterotopias da abjeção (RUI,2014; AGIER,2015) implicando espaços sociais e agentes nesse processo. Para o caso das mulheres essa heterotopia tem dupla significação. Pelo fato de serem sujeitos equidistantes das hegemonias sociais e dos supostos papéis de gênero que lhes seriam destinados.

Esta pesquisa foi financiada pelo Fundo de Incentivo à pesquisa da PUC Minas-FIP/CNPQ. A temática se insere na linha de pesquisa “Simbologias do Mal na

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Midiatização do Crime e da Violência" junto ao grupo de pesquisa do CNPQ, Mídia e Memória.

Referências

AGAR, Michel. The Story of crack: towards a theory of illicit drug trends. **Addiction Research and theory**, v. 11, n.1, p.3-29, 2003.

AGIER, Michel. Do Refúgio nasce o gueto: antropologia urbana e política dos espaços precários. In: **Dispositivos Urbanos e a trama dos viventes: ordens e resistências.** BIRMAN et al(orgs). Rio de Janeiro. Editora FV, 2015.

FAGAN, Jeffrey. Women and drugs revisited; femalae participation in the cocaine econommy. **Journal of Drug Issues**, v.24, Issue 1/2, Jan. 1994, p.179-225.

JACOBS, Bruce A; Miller, Jody. Crack dealing. Gender and arrest avoidance. **Social Problems**, v. 45, n. 4, Nov. 1990, p.550-569

FRÚGOLI, Heitor Junior; CAVALCANTI, Mariana. Territorialidades da(s) cracolândia(s)em São Paulo e no Rio de Janeiro. Anuário Antropológico [Online], II | 2013, Disponível em: http://journals.openedition.org/aa/561. Acesso, 27 de junho de 2020.

MAHER, Lisa et al. Gender, Power and alternativa living arrangements in the inner city crack culture. **Journal of Research in Crime and delinquency**, n. 33, p.181-205, May,1996.

RUI, Taniele. **Nas tramas do crack: Etnografia da Abjeção**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

SENA, Lucia Lamounier. O crack como fenômeno midiático: demônios e silêncios. **Revista Dispositiva**, no. 2, 2012, pp.122-146.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

SENA, Lucia Lamounier et al. A Relação entre o comércio do crack e a violência urbana na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: **Crack, um desafio social**. MEDERIOS, Regina; SAPORI; Flávio (orgs). Belo Horizonte, Ed. PUC Minas, 2010

SENA, Lucia Lamounier et al. **A midiatização do crime e do gênero: crack, o jornalismo e as simbologias femininas do mal".** Relatório de Pesquisa, FIP/ PUC Minas, 2018; 2020.

SILVERSTONE, Roger. **La moral de los Medios de Comunicación. Sobre el nascimiento de la polis de los medios**- 1ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.

UCHÔA, Marco A. **Crack: o caminho das pedras**. São Paulo: Ática,1996.